



O PODER DA ORAÇÃO

- *uma história real* -

Fabiana Moreno Sawada

Com esta história real, tenho, como objetivo, evangelizar as pessoas. Quero que todos saibam que DEUS PODE TUDO. Ele nos dá o “livre arbítrio” para O seguirmos ou não. Escolhi a primeira opção.

Nos momentos de dor, desespero e até revolta, Ele sempre aparecia, mostrando-me que tudo isso iria passar...

O tempo d’Ele não é como o nosso.

Queremos que tudo seja rápido. Necessitamos da resposta aos nossos pedidos com urgência.

Às vezes me pergunto: “Como consegui passar por isso?”

E a resposta, encontro na oração do Pai-Nosso: “SEJA FEITA A VOSSA VONTADE!”

Se cremos em Deus e sabemos que a vontade d’Ele é unicamente querer o nosso bem, porque não confiar?

À partir do momento em que eu entreguei toda a minha vida a Jesus, Ele pôde fazer a obra, o milagre em minha vida!

“Aquilo que parecia impossível, aquilo que parecia não ter saída. Aquilo que parecia ser minha morte, mas Jesus mudou minha sorte, sou um MILAGRE estou aqui...”

Conhecemo-nos em 1.986. Eu cursava o primeiro ano de Letras, e ele o terceiro ano de Administração de Empresas.

Sáímos juntos, na mesma turma, por várias vezes. Um dia, ele me levou pra casa, rolou um clima, mas pensei assim: ``Ele é muito legal, poderia estragar uma amizade´´. Demos apenas ‘tchau’ um pro outro.

Sáímos mais algumas vezes, em turmas, e depois não nos vimos mais.

Começamos a freqüentar outras turmas. Fiquei sabendo que ele havia casado e estava feliz.

Terminei a faculdade e arranjei um namorado (nunca tinha namorado sério), mas não deu certo.

De 1991 a 2004, realizei muitas coisas. Comecei a participar do Grupo de Jovens, da Paróquia Santíssima Trindade, da equipe de Catequese; e desenvolvi dons que nem sabia que tinha: um deles, foi cantar.

Como conseqüência , participando da catequese, comecei a ensaiar as crianças para a Coroação de Nossa Senhora e para a Primeira Eucaristia; gostava muito disso.

Na Paróquia, fiz muitas amizades com pessoas sinceras; amigos especiais que tenho até hoje. Também comecei a cantar nas missas de domingo à tarde.

Com algumas de minhas amigas, viajamos, conhecemos vários lugares. Nos divertíamos juntas, de uma forma natural e saudável.

Sou professora, trabalhei um período pela prefeitura e outro em uma escola particular; depois passei a trabalhar dois períodos pela prefeitura.

Em um curso, que fazia, ouvi de um palestrante que ele sempre escrevia os objetivos que queria conquistar naquele ano (fazia isso no primeiro dia do ano) e se não conseguia atingi-los, reescrevia no ano seguinte e, assim sucessivamente.

Comecei a fazer isso e, sempre reescrevia o pedido de um namorado especial, alguém que um dia seria meu marido.

Em outra palestra, ouvi de uma senhora o seguinte: ao invés de pedir, simplesmente, ela escrevia assim:

“Obrigada, Senhor por (tal coisa) que o Senhor me dará.”

Então escrevi assim: *“Obrigada, Senhor, pelo marido que o Senhor me dará; que é um homem honesto, trabalhador, que me ame e que, principalmente, seja fiel ao Senhor”*.

Repeti essa oração por muitos anos, rezando-a todos os dias.

Algumas de minhas amigas iam casando e eu pensava:

“Será que tem algo de errado comigo, ou estou sendo exigente demais?”
Mas, continuava rezando.

Particpei do Coro Municipal; fiz muitas amizades e desenvolvi mais ainda minha voz de soprano.

Às vezes me diziam que eu devia sair mais, que ninguém viria até minha porta a minha procura.

Não contei a ninguém que já rezava há anos para encontrar meu “príncipe encantado”.

Um dia uma amiga, que agora mora na Itália, perguntou-me se não tinha alguém que tivesse mexido comigo, e ele (meu marido), veio-me à mente. Lembro-me que disse que tinha alguém que havia se casado e que me disseram que a esposa dele estava doente; que ele cuidava com afinco dela. Disse que acreditava que por isso não teve nada entre nós; ele era extremamente necessário pra ela naquele momento.

Como já disse, ele havia se casado e estava feliz, realizado. Foi para o Japão (esqueci-me de dizer que ele é descendente de japonês) e ficou lá um ano. Deixou aqui sua esposa e seu filho.

Fazia pouco tempo que tinha voltado, sua esposa ficou doente.

A partir daí, começou uma verdadeira luta para eles. Peço ao meu marido que digite este acontecimento, pois foi ele quem viveu tudo.

Nesta etapa de ir ao Japão, já teve a “interferência” de Deus.

Ele nos ajudou, não deixando minha finada ir junto naquele momento, pois achei por bem ir na frente e preparar as coisas por lá antes de levá-los (essa

era a idéia inicial).

Acabamos decidindo, juntos, dela e meu filho não irem, pois vi as dificuldades de estar com uma criança pequena (1 ano 5 meses) num país totalmente diferente do nosso.

Assim ,permaneci por lá durante exatos 1 ano e 1 semana, para cumprir um contrato e ganhar um bônus em dinheiro, que iria nos ajudar muito.

Ao retornar, voltei ao meu antigo emprego, e continuamos nossa vida; agora juntos. Realmente, é muito difícil ficar longe da família.

Levávamos uma vida feliz, até que num passeio em Mato Grosso, na casa de meu cunhado, ela teve o primeiro sintoma, (tonturas) mas achamos que era devido ao forte calor de Cuiabá.

Ao retornarmos, depois de mais alguns dias, ela teve uma pequena paralisia facial, e fomos consultar com um clínico geral. Ele disse que tratava-se de uma labirintite; deu algumas medicações e nos liberou.

Ficamos, de certa forma, tranqüilos, e continuamos nossa vida.

Passado mais algum tempo, ela teve novamente esse mesmo sintoma.

Fomos a um novo médico, agora um especialista neurológico, recomendado por sua irmã mais velha.

O médico diagnosticou má circulação sanguínea no cérebro, e receitou algumas medicações.

Durante algum tempo ficou bem, até que num dia ela teve uma convulsão e foi parar em uma UTI.

Depois disso procurei um novo médico; agora recomendado por uma colega serviço que tinha o marido como paciente.

Ao chegarmos nesse médico, e contar os acontecimentos, ele imediatamente pediu uma tomografia craniana, e descobriu um tumor no cérebro, fez uma biópsia e entrou com tratamento de radioterapia.

Durante 30 dias ela fez essas sessões de radiação e passou muito mal com vômitos, cansaço e caíram os cabelos. Ficou depressiva; enfim é muito sofrimento.

Nesses dias, lembrei-me de não tê-la levado ao Japão; imagine o sufoco lá, sem ninguém da família para ajudar...

Mas enfim, passou por esse período e ficamos ansiosos para que o tumor tivesse sido eliminado.Porém, passado 1 ano e meio, fizemos nova ressonância magnética e constatou-se que o tumor voltara a crescer e agora precisava de uma cirurgia para retirá-lo. Fizemos os preparativos e foi tudo bem, agora confiantes de ter eliminado este mal.

Com o passar de mais 1 ano e meio, novamente teve sinais da doença, fez nova ressonância e lá estava o tumor. Precisava de uma segunda operação; assim, ao concluir com sucesso a cirurgia, o médico nos disse que o tumor reapareceria e nada mais poderia ser feito; que o procedimento era o mesmo em qualquer lugar do mundo; mas a gente tinha a esperança dela ser curada.

Apesar dessas duas cirurgias, ela estava bem.

Procurava levar sua vida o mais normal possível, cuidando de nós e também dando aulas de catequese em nossa comunidade.

Passado esse período, 18 meses aproximadamente, ela teve que fazer nova cirurgia; agora a terceira.

Tudo correu normalmente e, ao finalizar, ela agora perdera os movimentos do lado esquerdo e também parte do raciocínio cerebral.

Começava a etapa mais difícil de nossas vidas, pois, ela nesta fase, necessitava de cadeiras de rodas, cadeira de banho, fraldas descartáveis e sempre alguém para ajudá-la; mas ela ficou tranqüila.

Deus teve misericórdia dela e tirou parte do raciocínio para que não sofresse tanto.

Imagine a gente, numa situação como essa, com a mente normal; acho que seria muito pior superar as dificuldades...

Neste período, fomos morar com meus sogros, pra eles me ajudarem para que eu pudesse trabalhar; inclusive eles foram parte fundamental de todo esse processo.

Meu filho ia crescendo, vendo sua mãe lutar pela vida, mas sempre dando muito carinho a ela.

Procurávamos distraí-la, levando-a para passear na feira livre, em shoppings, viajamos a Ponta Grossa para conhecer meu mais novo sobrinho, jantávamos fora sempre que podíamos, e assim tentávamos amenizar seu sofrimento.

Mas essa doença é cruel, e ela precisou de mais uma cirurgia. Novamente passou por todo um processo de preparação. Deu tudo bem, graças a Deus, e ela continuou conosco mais algum tempo.

Meu filho iria completar 13 anos em 22 de agosto, e nesses dias ela precisava fazer nova cirurgia; então esperamos ele fazer aniversário, comemoramos todos juntos, e dias depois, vamos lá de novo.

A cirurgia foi bem, só que o médico disse que o tumor tinha tomado grande parte do cérebro e que ele não sabia como ela iria ficar.

Infelizmente, passados alguns dias na UTI pós-operatório, ela teve uma convulsão fatal.

Deus deu a oportunidade dela poder ficar junto conosco durante quase 10 anos, desde a descoberta dessa doença, e poder acompanhar o crescimento, mesmo que parcial, de nosso filho.

Durante todo esse tempo ela teve, apesar de tudo, uma vida muito exemplar, mostrando força e fé.

Temos a certeza que ela está com o Pai.

No fim de 2003, fui à casa de uma amiga e fiquei sabendo que ela havia saído com um rapaz que tinha o mesmo sobrenome.

Disse que conhecia alguém com aquele sobrenome. Era irmão dele. Neste dia, fiquei sabendo que ele havia ficado viúvo.

Alguns dias depois uma amiga nossa, de longa data, estava em casa e disse que um dos patrões dela havia falecido e um colega de trabalho havia ficado viúvo.

Perguntei quem era e ela me disse: era ele. Eu disse que o conhecia da faculdade, que saímos juntos algumas vezes, mas que achava que ele não se lembrava, de mim, e mandei um abraço (isso aconteceu no final de dezembro de 2003).

No início de janeiro, de 2004, fui com uma tia a um Hotel Fazenda perto de Presidente Prudente.

Lá, conheci uma moça, que tinha mais de trinta anos e estava passando sua lua de mel naquele local.

Ela disse que conheceu o marido e casaram-se meio que de repente. Pensei assim:

“Se um dia me casar, será assim, meio que de repente; e aqui é um bom lugar pra se passar a lua de mel.”

No dia 23 de janeiro, fui à missa (era domingo) e quando voltei, a amiga de minha irmã ligou dizendo que ele, meu marido, queria saber se podia me ligar e eu disse que sim. (ela havia falado de mim, só que falou que fiz faculdade com ele).

Ele ligou, começamos a conversar e, em pouco tempo, ele lembrou-se de mim.

Falamos sobre a época da Faculdade, de pessoas que lá conhecemos; ficamos conversando por 1 hora!

Antes de dormir, rezei aquela oração e pedi a Deus:

“Por favor, meu Deus, não deixe que me magoe.

Se ele for o homem que tenho pedido, que ele me procure novamente”.

No meio da semana ele ligou dizendo que ia à colação de grau de um sobrinho e queria saber se, depois, poderia vir em casa para nos revermos. Falei que sim, e lembrei-me: “NINGUÉM VIRÁ Á SUA PORTA...”

Durante os dias que se seguiram, fizemos caminhada, andamos de bicicleta, e principalmente, conversávamos muito.

Lembro-me que uma das primeiras coisas que falei, foi que participava ativamente da Paróquia Santíssima Trindade, que era professora e que tudo isso fazia parte da minha vida, ou seja, nunca iria deixar o que fazia de lado.

Vimos que tínhamos muita coisa em comum, idéias semelhantes, mas, pensei assim:

“Faz pouco tempo que a esposa dele faleceu; ele tem um filho (que na época tinha quatorze anos), vai querer namorar bastante, se divertir e não é isso que quero pra mim. Quero namorar sério e casar-me.”

Então, falei o que pensava e ele disse que não era mais criança, que não queria “pular de galho em galho”, queria formar uma outra família.

Começamos a namorar dia 3 de fevereiro.

No início parecia um sonho, pois sabia que ele era o homem que eu tinha pedido.

Mostrei a ele a oração que fazia há anos e disse que ele era meu “presente de Deus”, a pessoa que o Senhor separou para mim.

Era como se estivesse vivendo um conto de fadas. Apareceu, enfim, meu “príncipe encantado”.

Ele disse que havia feito vasectomia (pois a finada esposa não podia engravidar naquela situação) e não poderia mais ter filhos.

Como já tenho dois sobrinhos, disse que isso não era o mais importante e que a gente veria depois.

Conheci seu filho, que me recebeu muito bem, como namorada de seu pai. Conheci, também, a família da finada esposa, que me acolheu muito bem (ele disse que tinha feito tudo pela esposa; o filho e a família dela estavam cientes disso, por isso não ficaram contra o nosso namoro).

Descobrimos, com a convivência, que tínhamos mais em comum do que imaginávamos.

Na infância, morava a apenas uma quadra da casa da mãe dele.
O irmão da minha melhor amiga, na época, era amigo dele, andava de patins com sua irmã caçula, conheci um dos irmãos dele (já falecido). Ele é mais velho que eu quase seis anos e, quando se é criança, isso faz muita diferença.

Apresentei-o aos meus amigos, ele aos dele e todos (tanto os meus como os dele) diziam a mesma coisa:

“Cuide bem dele (a) que ele (a) merece ser feliz.”

Ele começou a participar, comigo, das missas de domingo à tarde e como sempre ia a encontros com o padre, para cantar, levava-o junto. (o padre dizia que ele fazia parte da “Pastoral da espera”.)

Enfim, depois de 9 meses de namoro e 3 de noivado, nos casamos dia 16 de abril de 2005. Eu com 36 anos e ele, ia completar dali a uns dias, 42 anos. Nosso casamento, modéstia a parte, foi muito emocionante. Convidamos para padrinhos, casais que fazem parte de nossa vida; verdadeiros “Amigos de fé”.

Ele entrou pelo corredor da igreja, chorando.

Eu, quando entrei e o vi chorando, quase não consegui cantar.

Cantei em tantos casamentos, não iria cantar no meu?!

Quando vi a letra da música que entrei cantando, pensei: “Foi isso mesmo que aconteceu conosco”.

A letra é a seguinte:

“Tanto tempo te esperei, em meus sonhos te busquei, e então aconteceu: o amor, você e eu. No pulsar do coração, muito mais que emoção; duas vidas e um caminho; vai ser assim.

O nosso amor será eterno, nem mesmo o tempo apagará; pois vem de Deus e sendo assim, com certeza permanecerá; e a cada dia se tornará, um novo amor, se renovará; pois está firmado em Deus e não terá fim.

O nosso amor vem de Deus, foi Ele quem escolheu, eu e você para ser um corpo, um coração. Foi Ele quem escreveu a nossa história de amor, com Ele iremos ser como uma linda canção.

Seremos cuidados por Deus, pois, nossa aliança firmada está; aconteça o que for, nosso amor brilhará, brilhará!”

Quem conhecia minha vida e a dele, sabia que essa música tinha tudo a ver conosco.

Foi Deus quem preparou esse grande momento!

Fomos à lua de mel, sabe onde? No Hotel Fazenda (que fui com minha tia). Foram dias maravilhosos que lá passamos.

Disseram-me, que no início do casamento, era difícil até adaptar-se, mas comigo não foi assim; com uma semana já havia adaptado-me à nova vida.

Tínhamos 50 dias de casados, quando fizemos o décimo terceiro ECC da Paróquia Ssma. Trindade.

Alguém pode ter pensado que era muito cedo mas, mais tarde, entendemos que foi na hora certa.

Este encontro serviu para nos fortalecer ainda mais como casal.

A partir desse encontro, começamos a levar o folheto pulsando para casa e, todas as noites, líamos as leituras marcadas (no final do pulsando) para os dias da semana.

Com esse encontro formamos um grupo de casais (alguns já conhecidos) e juntos fazíamos as reuniões, líamos a palavra de Deus, e nos confraternizávamos.

Fizemos novos amigos e juntos rezávamos e nos divertíamos.

Disse ao meu marido que, um dia, iríamos dar uma palestra no ECC sobre os planos de Deus, contando como nos conhecemos; o que ele passou e como chegamos até ali; porque, sempre acreditamos que nossa união foi “planejada pelo Senhor”

Pedíamos a Deus que sempre olhasse por nós.

Íamos à missa todo fim de semana e comungávamos; isso nos fortalecia.

Estávamos muito felizes.

Era mês de outubro e, como todo ano, começaram os ensaios da Primeira Eucaristia.

Íamos fazer 7 meses de casados, dia 16 de novembro e a Primeira Eucaristia seria dia 6 de novembro.

No último ensaio, dia 5 de novembro de manhã, fizemos, como todo ano, um ensaio geral de tudo o que ia acontecer no dia seguinte.

Saí da igreja, com uma dor de cabeça forte.

Cheguei em casa, tomei um analgésico e deitei.

À tardezinha, como não tinha melhorado, fui à farmácia buscar um remédio para a gripe (pra mim, era isso que tinha), pois tinha que estar bem pro outro dia cantar com as crianças na missa.

Acordei, no outro dia, pior do que estava.

Tinha dor de cabeça forte, dor no corpo, e via tudo em dobro (diplopia).

Liguei pra minha amiga, que faz parte da liturgia da catequese, pra que me substituísse no canto, porque não estava bem, e ia ao 24 horas ver o que tinha.

Só pedi isso porque, realmente, não estava bem (quem me conhece sabe que só por forte motivo eu faltaria a um compromisso assumido).

Do posto de saúde, encaminharam-me pro hospital pra ficar em observação.

Lembro-me de entrar no hospital com essa finalidade, lembro-me do dia em que saí do hospital. O que aconteceu durante esse período, só fiquei sabendo bem depois pelo meu marido, amigos e familiares.

A princípio, não conseguiam saber o que eu tinha.

Deram-me vários remédios, antibióticos, mas nada de melhorar. Então fui para a UTI.

O diretor do hospital, falou ao meu marido e uma amiga, que fizeram tudo o que podiam. Perguntou se sabiam rezar, porque era a única coisa que podia ser feita: rezar, pedir ajuda Divina porque, humanamente, era impossível fazer-me voltar à vida.

Muita gente rezou por mim, até pessoas que não me conheciam.

No hospital, havia uma imagem de Nossa Senhora (sempre fui muito devota de Maria – inclusive a última música que cantamos no ensaio foi “Consagração a N. Senhora”).

Minha mãe foi até lá e pediu que ela intercedesse junto a Jesus por mim. Começou, então, o milagre da minha salvação.

Como disse, estava na UTI sem reação.

Uma amiga, pediu a outra amiga, que é enfermeira, que colocasse o CD do grupo “Anjos de Resgate” pra que eu ouvisse. O CD “Deus está no ar”. Então, tive uma reação: chorei.

Não sabemos dizer qual foi a música mas acredito que seja “Chamando Deus de Pai”, pois, ao ouvi-la, sempre chorava.

É um diálogo entre uma pessoa e Deus. Era meu pedido de socorro e Ele me respondendo:

“Filho, se a vida te machuca, sofro por ti. Carrego-te nos braços, pode crer. Confia teu futuro em minhas mãos, filho meu”.

A partir daí, fui retirada da UTI.

Meus amigos, que também são nossos padrinhos de casamento, se reuniram para que eu fosse colocada em um quarto particular.

Por não ter plano de saúde, estava em uma enfermaria. Não estaria aqui se continuasse lá.

Muita gente me ajudou financeiramente e lhes sou grata infinitamente. Deus, e só Ele, poderá recompensá-los.
Nas horas mais difíceis de nossa vida, é que conhecemos quem são nossos verdadeiros amigos.
Sabia que tinha amigos de verdade, mas não sabia o quanto me amavam.
Emociono-me ao lembra-me disso.

Saí do hospital e fui pra casa da minha mãe.
Usava uma sonda no nariz e me alimentava de líquidos especiais por ela. Emagreci mais de 10 quilos. Saí com o diagnóstico de ter contraído uma encefalite viral (o vírus entra no cérebro).
Procuraram um neurologista para saber outra opinião, já que ainda não tinham descoberto qual o vírus que tinha contraído.
O neurologista foi muito acolhedor e pediu novos exames (líquido da espinha, sangue, tomografia, etc).
Enfim, descobriu o vírus que provocou essa doença: a MENINGOENCEFALITE (o vírus atingiu a meninge, provocou uma meningite e entrou no cérebro, provocando a encefalite.
Com registro, na literatura médica, o meu foi o quarto caso de sobrevivência no mundo (mais difícil que ganhar na mega-sena).

Não tinha noção da gravidade do que tinha acontecido comigo.
Achava que dali a uns dias, voltaria à escola e participaria da formatura dos meus alunos (Pré escola).
O neurologista indicou uma fisioterapeuta (que cuida de problemas neurológicos) e uma fonoaudióloga (não deglutia e muito menos falava) pra que pudessem melhorar o “estrago feito”.
Elas mesmas disseram, à minha família e meu marido, que nunca tinham visto um caso assim e não sabiam por onde começar.

No início estava hipotônica (com a musculatura flácida); colocavam-me sentada, escorada por travesseiros, pois nem sustentava a cabeça.
Não damos valor às pequenas coisas que fazemos naturalmente, todos os dias: andar, falar, comer, fazer as necessidades fisiológicas. Perdi tudo isso.
Passei, então, a um estado hipertônico (músculos rígidos) e tinha dores terríveis como de câimbra constante.
Chorava de dor, dia e noite.

Muitas pessoas vinham me visitar, mas não podiam entrar, pois havia tomado muitos antibióticos, e estava com a imunidade muito baixa.
Então, o infectologista e o neurologista, decidiram que o melhor seria me internar pra tomar uma substância (através da veia) que me imunizasse.
Passei o natal no hospital; saí dia primeiro do ano de 2006.

Não conseguia me comunicar porque mexia só os olhos; piscar uma vez, significava sim e duas vezes, não.

Meus pés e mãos estavam bem tortos.

Fiquei com os pés como os de uma bailarina quando usa sapatilha de ponta. Pedia, através dos olhos, pra que alguém “massageasse” meus pés para aliviar a dor (irmã, mãe, amigas).

No início, acordava de hora em hora durante a noite.

Tinha um medo terrível, sem explicação: medo de ficar sozinha, de dormir e não acordar mais.

Com muita oração esse medo passou e, com remédios, consegui dormir a noite toda.

A todo momento, meu marido, amigos e familiares, estavam junto de mim, incentivando-me e rezando por mim.

Algumas amigas levaram-me um quadro de metal, com letras de imã, para que eu pudesse me comunicar.

Graças a Deus não me foi afetado a mente. Lembro-me de tudo e de todos. No começo, (e às vezes ainda hoje) pessoas perguntam, gritando, se as conheço e se me lembro delas (pensam que, além de tudo, também não as ouço).

Ainda bem que o estado mais crítico, foi no fim de dezembro e mês de janeiro e minhas amigas estavam em férias (a maioria é professora) e todos os dias, alguma delas (ou várias) estava junto de mim.

Isso me fortaleceu muito; até estranhei quando começaram as aulas e elas foram trabalhar, não podiam estar comigo a todo momento e mesmo assim, vinham sempre me visitar.

De repente, tomei consciência de que estava usando fraldas, carregavam-me no colo, usava cadeira de banho e de rodas.

Sempre gostei de ajudar, do que ser ajudada.

Um amigo, me chama de “formiguinha” porque estava sempre correndo, fazendo tudo com pressa.

Então, me vi totalmente dependente de alguém. Pra mim, isso era o pior de tudo: depender de alguém...

Minha irmã caçula, carregava-me no colo, trocava fraldas, dava banho.

Eu dizia que era o “bebê” e ela a mamãe e sempre ríamos de alguma coisa que acontecia; isso me ajudou muito.

Quando meu marido chegava do trabalho e nos fins de semana, ele é quem cuidava de mim.

Meus sobrinhos (que sempre tive como filhos) iam, a todo momento, me ver no quarto.

O menor, que na época tinha 4 anos, me dizia à toda hora:

“Tia, dá um beijo; dá um abraço?”

Deitavam na cama, ficavam comigo um tempão.

Essa demonstração de amor deles me incentivou muito; e eu pensava:

“Se já é difícil pra nós, adultos, assimilarmos tudo isso, que dirá pra eles que são crianças!”

E por falar em crianças, disse que meu marido fez vasectomia, lembra-se?

Pois bem; até nisso Deus foi perfeito. Se pudéssemos ter filhos, eu provavelmente engravidaria logo no início do casamento (já tinha 36 anos).

O que seria uma bênção, passaria a ser uma tragédia, grávida nessa situação.

Como já disse, sentia muita dor. A fisioterapeuta tinha dificuldades em fazer sua terapia em mim.

Vinha num dia e no outro, os pés voltavam ao que estavam antes; então, por intermédio dela e do neurologista, fui a um ortopedista em Londrina (na verdade, ele só atende crianças; atendeu-me porque ela insistiu) que decidiu fazer aplicações de botox nos meus pés e mãos. Como o resultado não foi 100%, foi feito um par de talas que usava nos pés, para desentortá-los, e uma tala para a mão esquerda (a direita voltou, com o botox).

Quando consegui ficar sentada, na cadeira de rodas, fui à igreja.

Era sexta-feira santa e, quando o ostensório entrou, era como que Jesus dizendo-me:

“Que bom que você veio; estava à sua espera. Estou sempre com você!”

Chorei compulsivamente e, depois desse dia, vamos à missa todo fim de semana e, recomeçamos a levar o pulsando para ler as leituras da semana, toda noite.

A fonoaudióloga, com medo que eu fizesse uma bronco aspiração, achou melhor retirar a sonda que tinha e colocar outra direto no estômago (além disso também tinha emagrecido muito e com a sonda gástrica, me alimentaria melhor).

Consultou o gastroenterologista, que fez a cirurgia para colocar a nova sonda.

Tudo correu muito bem com a cirurgia, mas eu não estava bem; estava bem depressiva.

Chorava a todo momento e não era só de dor; estava cansada, não conseguia ver uma luz no fim do túnel.

Pedi pela morte, várias vezes, pois achava que só assim acabaria com tanto sofrimento.

A visão que tinha, era esta: tirei uma sonda, mas coloquei outra; ao invés de melhorar, estou piorando.

Recebi, então, a visita dos padres, que vieram me reanimar, falar que Deus estava sempre ao meu lado; enfim, pra me fortalecerem mais naquele momento.

Tomava remédio à base de morfina e, mesmo assim, sentia dores terríveis. Muitas vezes pensava assim:

“O que será que fiz a Deus? Será que Ele vai me ajudar a passar por isso?”

Meu marido, familiares e amigos foram imprescindíveis neste momento, me animando, rezando por mim. Um amigo disse assim:

“Pense em como você estava, como está, e *onde quer chegar*”.

Lembro-me sempre disso.

Tomava os alimentos de antes (que eram líquidos) e também, “comia” direto pela sonda, “papinha” batida no liquidificador, como um angu, que colocava na sonda com um bico de confeitaria.

Como já disse, eu e minha irmã ríamos de cada bobeira, que nem era tão engraçado; e na hora da papinha, uma olhava para a outra e ríamos muito; voltava o alimento pela sonda, e fazia a maior meleca; aí ríamos mais ainda.

Algumas de minhas antigas amigas também foram me visitar. Uma delas, levou chás naturais e fez algumas aplicações de barro em meu corpo.

Uma tia, do meu marido, fez sessões de reflexologia.

Nesse momento, tudo é válido; ainda mais sendo natural.

Fiquei bastante surpresa com algumas pessoas que eram apenas conhecidas e que, quando mais precisava, mostraram-se ser amigos de verdade.

Um desses “novos amigos”, arranjou a doação dos alimentos que tomava, fraldas descartáveis, um colchão de água, para que evitasse as escaras e, junto, uma nova terapia: a hipoterapia (exercícios sobre o cavalo).

O hipoterapeuta é muito legal e incentivava –me pra que comesse logo pela boca e assim retirar a sonda para fazer outros tipos de exercícios sobre o cavalo.

Sempre gostei de música-mensagem; acho que elas demonstram, com sua letra, o que precisamos ouvir ou dizer.

Além disso, diz o ditado, “quem canta, reza duas vezes”.

Passei a ouvir, diariamente, o CD do grupo Anjos de Resgate (aquele da UTI) e, essa música, passou a ser minha oração diária:

Senhor, estou nesse momento aqui, por tuas chagas vou pedir: cura-me, cura-me e lava o meu passado, com Teu sangue derramado.
Senhor, ainda dói dentro de mim, os erros que eu cometi, cura-me, cura-me e lava o meu passado com Teu sangue derramado
Vem ser a voz que me aconselha, vem ser o ar que eu respiro, pois Tu és o pão que me sustenta, Tu és o Deus que me alimenta.
Cura-me, Senhor, cura-me Senhor e enxuga minhas lágrimas de dor.
Cura-me, Senhor, cura-me Senhor e me devolve a vida com o Teu amor.
Senhor, ferido estou diante de Ti, e de joelhos vou pedir: cura-me, cura-me
Vem ser a voz que me aconselha, vem ser o ar que eu respiro, pois Tu és o pão que me sustenta, Tu és o Deus que me alimenta.
Cura-me Senhor, cura-me Senhor, e enxuga minhas lágrimas de dor.
Cura-me Senhor, cura-me Senhor e me devolve a vida com o Teu amor.

Através da fonoaudióloga, comecei a praticar ‘terapia ocupacional’. Ela trouxe uma tela pra eu pintar e, também, uma tela em branco, que pedi a uma amiga (que é uma artista) para desenhar. Ela desenhou um anjo, que pintei (minha amiga fez os acabamentos) e dei para meus sobrinhos colocarem no quarto.
Também fiz caderno de caligrafia, incentivada pela fisioterapeuta (ao todo, foram três).
Associada à fisioterapia, comecei a fazer acupuntura; que me ajudou muito a aliviar as dores (fiquei meio que ‘viciada’ nisso)

A fonoaudióloga, fisioterapeuta e hipoterapeuta, começaram a fazer parte de minha vida e tornaram-se meus amigos (tanto que os chamo pelo primeiro nome, e não de Dr. ou Dra.).
Conversamos muito, durante a terapia, sobre vários assuntos; principalmente sobre valores de nossa vida.

Comecei a dormir em minha casa e ficar durante o dia na minha mãe.
Numa noite, estava com muita dor e não conseguia relaxar; a dor não parava.
Então, meu marido já nervoso com a situação, disse:
“Meu Deus, pra que tanto sofrimento? Não adianta mais rezar, parece que você não ouve!”
Ainda chorando, pedi a ele que acalmasse para que pudéssemos rezar.
Pegamos o pulsando e fomos ler o que diziam as leituras do dia. A primeira leitura, foi esta: Eclo 2,1-11:

“Meu filho, se você se apresenta para servir ao Senhor, prepare-se para a provação. Tenha coração reto, seja constante e não se desvie no tempo da adversidade. Una-se ao Senhor e não se separe, para que você no último dia seja exaltado. Aceite tudo o que lhe acontecer, e seja paciente nas situações dolorosas, porque o ouro é provado no fogo e as pessoas escolhidas, no forno da humilhação. Confie no Senhor, e ele o ajudará; seja reto o seu caminho, e espere no Senhor.

Vocês que temem ao Senhor, confiem na misericórdia Dele, e não se desviem, para não caírem. Vocês que temem ao Senhor, confiem nEle, que não lhes negará a recompensa de vocês.

Vocês que temem ao Senhor, esperem dele os benefícios, a felicidade eterna e a misericórdia.

Examinem a história e verão. Quem confiou no Senhor, e ficou desiludido? Quem perseverou no seu amor, no seu temor, e foi abandonado? Quem o invocou, e não foi atendido?

Porque o Senhor é compassivo e misericordioso, perdoa todos os pecados e salva no tempo do perigo”.

Era Deus, mais uma vez, nos dizendo que estava sempre ao nosso lado; falando que Ele nos daria a força necessária e que confiássemos nEle. Pedimos perdão, rezamos, a dor passou e dormi a noite toda.

Lembro-me que perguntei ao neurologista, quando e o quanto melhoraria. Ele sempre dizia que ninguém poderia prever isso; que cada pessoa é um caso, que pode surpreender ou não numa recuperação.

A fisioterapeuta sempre me animava e dizia: ”Quando você andar...” e eu questionava:

“Quando vai acontecer isso? Que espécie de fé tenho eu?”

Quando fazia mais ou menos 7 meses que fiquei doente, comecei a dar os primeiros passos, ainda usando a tala.

Foi uma alegria para mim, e todos que me acompanharam desde o início. Sentia-me como uma criança ao começar a andar. De certa forma, foi isso que aconteceu. Tive que reaprender tudo novamente...

Logo, comecei a comer também e quando achava que já poderia comer de tudo pela boca, fomos (eu e meu marido) retirar a sonda.

Foi no consultório mesmo e, ao sairmos de lá, o médico disse assim:

“Estamos vivenciando um milagre.”

Ficamos muito felizes, porque sabíamos que Deus estava sempre ao nosso lado.

Após alguns dias, outro médico, que havia auxiliado na cirurgia em que a sonda foi colocada, disse ao meu marido que era um milagre, porque esta foi a primeira sonda que o médico retirou.

Era uma sonda, colocada em pacientes terminais. Os outros pacientes vieram a óbito.

A partir daí comecei a não ser mais tão dependente como antes. Passei a não usar mais fralda; comecei a ir ao banheiro sozinha, escovar os dentes sozinha, etc.

Comecei a fazer outros exercícios na hipoterapia; também comecei a fazer hidroterapia.

Passei a sair mais de casa, fui a aniversários, casa de amigos, até num Jantar Dançante do ECC eu fui (em outubro de 2006).

Embora já pudesse comer, comecei a comer errado e, (a primeira coisa que comi, foi massinha de pastel frita) não conseguia engordar.

No dia 18 de janeiro (do ano corrente) fui até a nutricionista (que é filha de uma amiga).

Estava pesando 36 kg ;então,ela fez uma “dieta de engorda”, digamos assim.

Nessa dieta, havia vários complementos alimentares. A nutricionista explicou que como fiquei muito tempo sem digerir alimentos, levaria um certo tempo para que meu organismo se acostumasse com a nova dieta. Aquele nosso amigo (que me proporciona a hipoterapia) conseguiu doações de todos os complementos. Fiquei mais de dois meses mantendo o mesmo peso. Então, foi dado um outro complemento com inúmeras vitaminas. Este alimento é doado por um casal de amigos nossos (ainda uso esse complemento).

Como estava me sentindo bem, resolvemos ir a Aparecida do Norte. Lotamos um ônibus com pessoas que acompanharam minha melhora e fomos num bate-volta. Foi muito animado. Na ida, todos cantaram até umas 22h; depois dormimos.

Foi com grande alegria que deixei lá minha tala, que usei durante um tempão. Usei cadeira de rodas, para me locomover lá, porque não consigo andar muito, me canso logo. Achei que fosse cansar na viagem mas, fui muito bem.

Aquela frase que diz: *“Peça a Mãe que o Filho atende”* caiu como uma luva em minha situação.

Através de Nossa Senhora, Jesus realizou um verdadeiro milagre em minha vida.

Na volta, fizemos um “amigo-secreto” que revelamos durante a viagem. Foi tudo maravilhoso.

Participamos do Encontro de Casais, da Ssma.Trindade, onde demos nosso testemunho de oração.

Já entramos chorando, porque é uma emoção inexplicável estar ali presente, falando às pessoas tudo o que aconteceu e, dar testemunho do poder da oração em nossa vida.

Eu já queria dar uma palestra antes disso tudo acontecer; agora mais ainda. Pelo que passamos, atingimos o objetivo, que é fortalecer a todos e sempre orar juntos, como casal. Pedir, mas é extremamente necessário agradecer.

Como andei e comecei a comer rápido, achei que a fala voltaria logo. A fonoaudióloga explicou-me, que foi afetada minha fala, pelo lugar que a lesão ficou, e ainda não tenho ar suficiente (agora já consigo encher bexiga, das mais finas, antes não conseguia).

Consigo falar com muita dificuldade, principalmente nos dígrafos e, quando faço bico (para pronunciar a vogal U ,por exemplo) meus lábios tremem muito.

Ainda preciso aumentar a capacidade de ar nos pulmões, para que ele não falte ao falar. No início, o ar que tinha era só pra sobreviver. Para aumentar o ar, faço exercícios diários com um aparelho, chamado Respirom, língua-de-sogra e bexiga.

Eu sei que ainda vou falar bem e cantar; tenho fé em Deus que isso vai acontecer. É preciso ter muita paciência...

Também comecei a fazer massagem e terapia de florais com uma amiga, com a qual fazia acupuntura antes de me casar. Ela está doando as sessões para mim e, junto, começou a fazer cromoterapia também.

Há dias em que fico bastante nervosa, choro (principalmente quando não entendem o que falo, e quando as coisas não saem do jeito que quero) fico brava; aí peço desculpa a quem ofendi, perdão a Deus e que Ele me dê bastante paciência e perseverança.

Agora, no momento presente estou agindo calmamente, sem esbravejar; tenho estado tranqüila, ultimamente.

Através da fonoaudióloga, fiz e faço, vários exercícios de coordenação motora fina; de ampliação de desenhos quadriculados; jogo dos erros; caça-palavras; palavras cruzadas, exercícios com tangran, exercícios de concentração, etc. Faço isso para estimular meu cérebro (é o que ela sempre me diz).

É preciso estimular bastante meu cérebro, na parte afetada.

Acredito que, se Deus permitiu que isso acontecesse, Ele providenciaria pessoas que me ajudaram e me ajudam nesta minha nova forma de viver.

Nem tudo é só ruim, devemos procurar o lado positivo do que nos acontece; pois há coisas maravilhosas, que devemos reconhecer e aproveitar.

Quantas pessoas conheci; minha amizade se tornou melhor (amigos que cada vez amo mais); minha família passou a se ver com mais frequência (tios e primos); minha união matrimonial se tornou bem mais forte.

Também aprendi muita coisa; entre elas: ninguém é insubstituível (eu não estava, mas alguém fez; nada parou); não se preocupar tanto com o futuro (ainda sou meio preocupada,mas antes era demais); nossa vida é curta, precisamos vivê-la (quanta coisa deixamos de fazer); tudo passa (às vezes nem parece que fui eu que senti tanta dor).

Também tem algo muito bom, que aconteceu. Era alérgica a lactose; nem podia imaginar que comeria algo a base de leite (molho branco, por ex.) e, hoje, tomo de dois a três iogurtes por dia e posso comer queijos!

A meningoencefalite deixou marcas no corpo e, principalmente, na alma. Digo que me subdivido em duas: sou antes e depois da doença. Conheci pessoas que, como eu, precisam de fisioterapia; só que infelizmente estão presas a uma cadeira de rodas há vários anos e, nem por isso deixaram de viajar, ir a festas, shows, etc. O exemplo dessas pessoas me fazem seguir adiante. A vida não será mais a mesma, mas estou adaptando-me a um novo jeito de viver; da melhor forma possível.

Já consigo fazer alguma coisa em casa, (arroz, feijão, sobremesas; com ajuda do meu marido) mas com muito cuidado. Meu marido está aprendendo a ser “doméstico” (eu o chamo de Isauro, o escravo); ele já me ajudava antes, agora ele aprendeu a fazer tudo; só não faz comida sozinho mas ajuda-me nisso, e muito.

Minha irmã, caçula, vem todos os dias. Leva-me nas terapias, cozinha, limpa a casa, lava a roupa enfim, ajuda no que não posso fazer. Digo que agora sou chique; tenho motorista e dama de companhia (dois em um). Na hora do almoço, ela e meu marido quase me matam de rir com bobagens que falam. Todos os dias há um motivo para rirmos, e isso me faz muito bem; afinal “rir é o melhor remédio!”

Tomei banho umas três vezes sozinha, mas me desequilibrei e cai no banheiro. Por sorte minha irmã estava em casa e não me machuquei. Agora espero meu marido chegar do trabalho, aí ele me ajuda.

Também posso mandar e ver emails que recebo. Eu mesma digitei essa história; o que já é uma vitória!

Foi dada a entrada na minha aposentadoria. No início, chorei muito, Deu-me uma sensação de incapacidade, mas já estou aceitando; agora tenho limites e eles precisam ser respeitados.

Outro dia vi um documentário na tv, que falava sobre as árvores. Dizia que, apesar de nascerem tortas, as árvores continuam sua fotossíntese, proporcionando para a humanidade, ar puro, sombra e, algumas até frutos. Trouxe isso para minha vida. Não posso mais fazer inúmeras coisas, mas posso fazer outras, e algumas que nem fazia antes (mexer com o computador, por exemplo).

Peço a Deus que me dê bastante paciência e persistência nessa nova forma de viver.

No momento, faço fisioterapia e acupuntura de segunda e sexta; hidroterapia de quarta; fonoaudiologia de terça e quinta; hipoterapia de terça à tarde; massagem de segunda à noite; e vou à nutricionista, a cada quinze dias, na terça à tarde.

A “dieta de engorda” está ótima! Estou com 41,600kg, e não só engordei, simplesmente, adquiri músculos, gradativamente; mais massa magra e, isso me deixa muito feliz! Estamos vencendo mais uma etapa (eu e a nutricionista).

Aconteceu mais uma novidade!

Sempre ficava olhando meus sobrinhos andarem de bicicleta, e pensava: ”Será que tenho equilíbrio suficiente para andar?”

Ontem (domingo,28-10) eles estavam andando, na rua da minha mãe, então, disse ao meu marido: ”Será que consigo andar de bicicleta?” - ele respondeu: ”Vamos tentar”.

Ajudou-me a sentar no banco e por os pés no pedal. Na descida, ele foi andando ao meu lado (fiquei com medo de precisar frear e não conseguir); mas na subida, consegui pedalar sozinha! Parecia uma criança que aprendeu a andar de bicicleta! É mais uma vitória!

É o conjunto de tudo que faz com que eu melhore a cada dia. Sei que a melhora é muito lenta, mas quem me viu no começo, sabe como fiquei. Não se pode dizer o quanto vou melhorar, ou se esse é o limite.

Ninguém pensa em fazer isso, (a fisioterapeuta e a fonoaudióloga sempre dizem) mas deveria ter filmado a minha evolução; seria bom pra ver o antes (a nutricionista diz que meu semblante mudou bastante). Como já disse, tudo passa, e a gente nem se lembra de que sofreu.

Quero dizer a todos os casais, que meu "presente de Deus" é um exemplo de marido a ser seguido. Depois de passar pela doença da finada esposa, nunca desanimou neste período que passamos por tudo isso.

Aceitou sua missão de servir, primeiro a ela, agora a mim.

Ele cumpriu, e cumpre, o juramento que diz: *"na alegria e na tristeza; na saúde e na doença."*

Ele sempre me alegra quando estou triste; me anima quando estou desanimada; me faz rir quando choro. Eu o amo cada dia mais e ele demonstra seu amor, não só com palavras, mas com gestos, no dia a dia. Sei que Deus não nos uniu por acaso e agradeço por isso todos os dias (digo que Deus me mandou o socorro antes da doença).

Acredito que, se estou viva, é porque temos missões a serem cumpridas. Uma delas é essa: dizer a todos que Jesus existe e continua a fazer milagres.

Apesar de tudo, digo que sou muito feliz, e sei que Deus me ama. Ele me deu um marido ideal e me fez voltar à vida!

Nem imaginava que o final da música, que entrei cantando em meu casamento, seria uma profecia que se cumpriria:

"Seremos cuidados por Deus, pois nossa aliança firmada está; aconteça o que for, nosso amor brilhará, brilhará."

Não coloquei o nome de ninguém, porque foi tanta gente que me ajudou, que corria o risco de esquecer o nome de alguém; e todos são importantes. Vou deixar, em ordem alfabética, os nomes dos profissionais (foram bem mais do que isso) que, como acredito, foram escolhidos por Deus para se colocarem no meu caminho. Agradeço por tudo que fizeram e fazem por mim.

Alessandro Melanda (ortopedista)
Aline Jardim Golas (nutricionista)
Célia R. Giocondo (fonoaudióloga)
Flavio Kazuma (infectologista)
Kleber Kawagoe (neurologista)
Lucimar Galvani (terapeuta floral)
Mario M. Canas (hipoterapeuta)

Pieker Migliorini (gastroenterologista)
Shirley C. Nakagawa (fisioterapeuta)

Quero fazer um agradecimento especial aos meus amigos, que demonstraram sua real amizade quando mais precisei. Deus os abençoe sempre. Sem o empenho de vocês, nada disso teria acontecido. Digo que cumpriram gloriosamente o papel de amigos fiéis e padrinhos dedicados. Todas as vezes que ouço esta música, lembro-me de vocês:

“Amigos, pra sempre, bons amigos que nasceram pela fé. Amigos, pra sempre, para sempre amigos sim, se Deus quiser...”

Obrigada ao Pe.Beffa (Trindade) e Pe.Célio (Santo Antonio) que me deram palavras de fé, ânimo e esperança, durante os meus piores dias.

Agradeço à comunidade da paróquia Sma.Trindade por tudo que fizeram por mim.

Obrigada às pessoas do P.S. Centauro, que me atenderam tão bem; aos funcionários da escola, onde trabalhei por anos; e a todos do Coro Municipal; no qual participei por longo tempo.

A todos que lerem esta história, peço: coloque Deus em sua vida hoje, agora; porque amanhã poderá ser tarde demais...

Enfim, meu marido, Akira, e eu, Fabiana, agradecemos a todos que me ajudaram e continuam ajudando.
Deus abençoe e proteja a todos. Amém!

O livro termina aqui. Foi escrito de setembro a novembro de 2007. Estamos em 2009, e muita coisa boa aconteceu desde então. Em dezembro de 2007, viajamos para São Paulo. Passamos o Natal na casa de um tio meu. Foi a segunda viagem que fiz, depois de adoecer; a primeira de carro.

Em 2008, como já estava conseguindo digitar, fui convidada, pelo Pe. Beffa, para um trabalho voluntário, enviando mensagens, por e.mail, através do endereço, trindade.mensagens@gmail.com. Começamos, então, a fazer parte da PASCUM (pastoral da comunicação). Pra mim está sendo imensamente gratificante participar de uma pastoral,

depois do que aconteceu comigo; pois sempre participei ativamente em minha paróquia.

Minha aposentadoria saiu. Agora já estou aceitando bem essa nova “condição”. Ainda mais sabendo o que anda acontecendo entre professores e alunos. Não há mais respeito mútuo.

Também fomos chamados novamente pra darmos o testemunho “PLANO DE DEUS”, no décimo sexto ECC de nossa paróquia. Foi muito bom. Conseguimos nosso objetivo, que é mostrar a todos que para Deus tudo é possível e motivar os casais pra se unirem mais, e assim, poderem participar de uma pastoral na paróquia.

Passei a sair mais, ir a restaurantes, casa de amigos, shopping. Para isso, tenho que usar cadeira de rodas, porque não consigo andar em longas distâncias. Digo que a cadeira é minha “amiga”, pois ela me ajuda a ir a vários lugares, nos quais sem ela, não seria possível.

Como sempre colocamos Deus à frente de nossa vida, Ele sempre tem nos conduzido, nos dando tudo o que precisamos.

Assisto, todos os dias, a “Novena dos Filhos do Pai Eterno” e, inesperadamente, veio a idéia de viajar para a cidade de Trindade, no estado de Goiás, para conhecer a “Basílica do Divino Pai Eterno, passar em Campinas, visitar uma amiga e agora, nossa madrinha de casamento. Então fizemos assim: fomos pra Trindade. Participamos de uma missa lá e recebi uma bênção especial do Pe. Helder. De lá passamos dois dias em uma pousada de águas termais, em Caldas Novas; fomos pra Campinas e lá, fomos ao “Santuário de Nossa Senhora Desatadora dos Nós”, onde participamos da Santa Missa.

Achei que seria incômodo pra mim, uma viagem longa assim mas tudo correu muito bem, com a “Graça de Deus”.

Ao chegar aqui, escrevi meu testemunho de vida para a “Novena dos Filhos do Pai Eterno”, mas achava que não seria divulgada.

Inesperadamente, no dia 07/08, o Pe. Helder leu meu testemunho na novena. Chorei muito ao ver.

Mais uma vez, pude evangelizar através desta história. Mais uma vez, Deus se fez presente em minha vida.

Em abril, fizemos a segunda etapa do ECC, na paróquia São Francisco de Assis. Foi maravilhoso poder participar de um encontro, novamente.

Após, participamos de um curso para casais, em nossa paróquia. Pude, neste curso, relatar nossa história de vida (meu marido e eu) aos casais participantes.

Demos nossos nomes para participarmos da Oficina de Oração, quando houver, e faremos a terceira etapa do ECC, que se realizará dias 6, 7 e 8/11 na paróquia Santíssima Trindade.

Fomos convidados, novamente, para testemunhar o “PLANO DE DEUS” no 17º ECC da paróquia Santíssima Trindade.

Parece que era a primeira vez que falaríamos sobre nossa história.

A emoção era tanta, que já entramos chorando.

De repente, veio ao meu encontro, uma colega que participava comigo no Coro Municipal. Aí, chorei mais ainda, por me lembrar daquele tempo.

Enfim, falamos aos casais participantes, sobre o “Plano de Deus” em nossa vida.

E, assim, continuamos nossa vida, sempre falando das maravilhas que Deus tem feito, através do PODER DA ORAÇÃO...

Mais uma atualização...

Conforme o tempo vai passando, as maravilhas vão acontecendo; por isso quero partilhar com você.

No ano de 2012, eu já estava bem melhor, andando e falando.

Fomos à Canção Nova em julho, participar do encontro PHN (encontro dirigido aos jovens).

Passamos em Aparecida primeiro.

Emocionei-me muito, por lembrar-me da vez em que lá estive, e o quanto melhorei daquela época até aquele dia.

Pedi, mais uma vez, a Nossa Senhora, que continuasse sendo a minha intercessora, junto a Jesus.

Lá no PHN, recebi mais uma “graça” em minha vida: voltei de lá cantando! Não como antes, é claro, cantando com certa dificuldade, baixinho, mas pra quem não iria mais falar!!!!

Com certeza minha Mãe Santíssima intercedeu para que isso acontecesse. Realmente, isso prova a todos que “NOSSO DEUS É O DEUS DO IMPOSSÍVEL”.

Cheguei a entrar numa equipe de canto de algumas amigas (que participam das missas na Sma. Trindade); mas saí, porque sinto que ainda não estou preparada. Um dia eu voltarei...

Meu lado emocional influi bastante nas seqüelas que ficaram em mim (problemas na dicção, tremores, ficar em pé por muito tempo, entre outras).

Comecei a fazer “Aula de Canto” a fim de melhorar a dicção e a “força” (respiração, fôlego) da minha voz. A professora também foi uma bênção em minha vida. Ela é cristã (evangélica) e isso faz toda a diferença.

Posso dizer que sou “abençoada por Deus”, porque tenho melhorado a cada dia. Nunca parei num determinado ponto; a força e o amor do Senhor fazem com que minha recuperação seja constante.

Depois do PHN, consegui entrar e sair do carro sozinha. Antes não tinha força suficiente para colocar ou tirar as pernas; dependia da pessoa que estava dirigindo pra que isso acontecesse.

Também consigo tomar banho sozinha. Como disse no início deste relato, caí no banheiro uma vez e fiquei com um certo medo de acontecer novamente; por isso, meu marido sempre me ajudava. A falta de equilíbrio impedia-me de ficar sozinha.

Agora, graças a Deus, posso fazê-lo sem a ajuda dele; mas ele ajuda-me a colocar determinadas roupas.

No final do ano passado, 2013, voltamos à Canção Nova no encontro HOSANA BRASIL (uma espécie de Ação de Graças ao ano que termina). Quando chegamos lá, numa sexta-feira, encontramos “o menino que fez o papa Francisco chorar”: o Natã.

Imagina se não chorei.

Ele veio em nossa direção e disse bem baixinho em meu ouvido: “*Eu rezarei por você!*”.

Aí, derrubei-me em lágrimas, porque tive a certeza de que este menino é um anjo do Senhor que veio ao meu encontro.

O jeito dele ao falar com as pessoas, a fé, a certeza, de que será um sacerdote, um servo fiel de Deus, alguém que um dia será reconhecido como um grande padre...

Tiramos fotos com ele. Guardarei para que, um dia quem sabe, eu possa reencontrá-lo já exercendo essa linda vocação, e dizer: “Lembra-se de quando você era apenas uma criança e nos encontramos lá no Hosana (Canção Nova)?”

Em janeiro deste ano (17/01/2014) fomos atender a um convite feito a nós (meu marido e eu), para dar nosso testemunho no Programa “Deus está no ar”.

Após 8 anos que adoeci, era como se fosse a primeira vez que falava de tudo o que aconteceu. Tremia e chorava um monte!

Não sei como ficou, mas nossa intenção foi a de que, todos os ouvintes sentisse a presença de Deus em nossas vidas, principalmente nos momentos mais difíceis.

O locutor do Programa, pediu-me autorização para divulgar no site: www.webradiodeusestanoar.com.br e, é claro, autorizei.
Esta é uma forma de fazer chegar a muitas pessoas este testemunho.
Talvez isso esteja acontecendo com você...
Fique na paz do Senhor!

(25/ 04/ 2016) Recomeçando sempre!
Faz dez anos que adoeci (05/ 11/ 2005) meu último relato, foi em janeiro de 2014.
De lá até então consegui mais “Graças” e irei mencioná-las aqui.

No mês de fevereiro de 2014, tomamos posse (Akira e eu) como um dos casais, a ser membros da Equipe Dirigente do ECC (Encontro de Casais com Cristo).
Durante dois anos, 2014 e 2015, permanecemos na Equipe.
Minha função na Equipe foi a de digitar tudo o que precisasse (fichas, listagens dos grupos, etc), cuidar do email feito para os grupos (repasse de recados, divulgações dos acontecimentos) e também de um grupo criado no Facebook.
Neste período de dois anos, pude sentir-me “útil”, “valorizada” em meus feitos.

No final de 2014, comecei a praticar exercícios físicos numa Academia, com um personal.
Fiz isso com o intuito de aumentar, fortalecer minha capacidade muscular e também aeróbica.
Tudo ia bem, até que tive um “estiramento muscular”.
Depois de ter feito ultrassom, foi diagnosticado o problema e por enquanto afastei-me da prática de exercícios físicos.

No final de 2014 início de 2015, aconteceu um chamado muito especial.
Fomos convidados a ser “Ministros extraordinários da Sagrada Comunhão”; isto é; levar a Eucaristia aos doentes que estão impossibilitados de freqüentar as missas semanais.
Foi o maior e melhor “chamado” que Deus nos fez.
Como tudo é por JESUS e para Ele, nossa resposta foi SIM.
Não posso servir o altar, pois não consigo segurar a âmbula com as hóstias na mão esquerda, para servi-las com a mão direita.
Além disso, tenho a seqüela do tremor constante; mas posso dar, aos doentes, testemunho do verdadeiro milagre que Jesus fez em minha vida.
Só Ele foi capaz de me livrar da morte; mais do que isso, Ele continua

derramando graças em minha vida e por isso falarei do seu amor, por onde for.

Levamos a Eucaristia a dois senhores, às quartas-feiras.

Fizemos “novos amigos” com as respectivas famílias destas pessoas.

Está sendo maravilhoso poder levar Jesus Cristo vivo na “Hóstia Santa” para esses irmãos que precisam dEle.

Agora, em fevereiro de 2016, fomos chamados a exercer outra função: a de ser vice-coordenadores do M.C.C. (Movimento de Cursilho de Cristandade) de nossa Paróquia.

Não havia mencionado antes neste relato sobre minha vida, mas sou cursilista há muitos anos.

Fiz o 3º Cursilho Feminino Jovem da Diocese de Apucarana.

Trabalhei em vários encontros, mas, como casei-me, fiz o ECC e em seguida adoeci, o MCC ficou como que “esquecido, adormecido”.

Meu marido fez o encontro em 2014.

E, como Deus nunca afasta-se de nós, o MCC veio como um “antigo amor” que voltou do passado ao tempo presente.

Já fizemos novas amizades e também reencontramos alguns conhecidos.

Quero, um dia, poder trabalhar em um Encontro de Cursilho novamente e poder falar e provar esse “Amor Infinito” que Deus tem por nós!

Olá!

A cada dia eu creio mais em Deus e nos Planos d’Ele para a nossa vida.

Em 10 de agosto de 2016, tive um “presente enorme” que Deus concedeu-me.

Contarei, com detalhes.

Temos (Akira e eu) uma afilhada na Itália; filha de uma grande amiga que casou-se com um italiano.

Moram na cidade de Lucca, próximo a Pisa, região da Toscana.

Eles vieram para o Brasil batizar a filha menor e convidou-nos para ser padrinhos (há 3 anos atrás).

Falamos que sabemos da responsabilidade dos padrinhos que é muito longe, etc. Enfim, aceitamos.

Durante esses 3 anos começamos a fazer um “planejamento” para podermos ir à Itália.

Tudo foi seguindo a vontade de Deus, e fomos no dia 02//08/2016 para retornarmos 24 dias depois.

Há na Itália; na cidade de Macerata Feltria, (bem distante de Lucca) outra amiga que também casou-se com um italiano e mora neste local há 17 anos.

Como ela conhece Roma, combinamos que ela seria nossa tradutora e guia turístico.

A princípio, combinamos de nos encontrar lá em Roma, na estação de trem na segunda-feira 08/08

Mas, esta amiga viu, no site do Vaticano, que quarta-feira é o dia em que o Papa tem uma “AUDIÊNCIA” com os fiéis.

E como ir à Itália e não ver o Papa Francisco?

Uso cadeira de rodas para poder ir a espaços grandes porque me canso muito e não consigo andar. Então levei minha cadeirinha e estava usando-a. Assim tenho certas predileções que levam-me a uma “assistência pessoal” nos locais em que fomos (na estação de trem, por exemplo).

Chegamos em Roma e lá estava minha amiga!

Fomos ao local em que nos hospedaríamos – é importante falar que este local, antigamente, era um convento e hoje algumas freiras cuidam do local como hospedaria – e é ao lado do muro do Vaticano.

Sáímos para almoçar e fazer um passeio em um ônibus aberto para turismo. É emocionante poder apreciar a cidade que é o berço do catolicismo.

Como disse, uso cadeira de rodas para poder ir a locais de grande extensão e lá é tudo grande, espaçoso.

Na noite de terça (09/08) esta amiga perguntou à freira que estava na recepção, se teríamos que ir bem cedo para participar da AUDIÊNCIA PAPAL.

Ela disse que tínhamos privilégio de não enfrentar fila para entrar, porque eu tinha que usar a cadeira.

Acordamos, tomamos café e fomos ao Vaticano.

A fila para entrar, era imensa.

Esta audiência é sempre feita na Praça São Pedro, mas, creio que pelos atentados na França, haviam muitos policiais do exército naquele local e fariam a audiência em ambiente fechado; uma espécie de anfiteatro denominado “SALA PAULO VI”.

Fomos até os seguranças que liberavam a entrada para as pessoas.

Um deles disse que podia entrar somente o cadeirante e seu acompanhante (eu e meu marido), minha amiga não.

Como não falamos italiano, ela disse que era nossa intérprete e guia; se podia entrar conosco.

A resposta foi um NÃO.

Então minha amiga disse para entrarmos e ela iria para fila.

Como os PLANOS DE DEUS SÃO PERFEITOS, um segurança foi conversar com uma segurança e ela chamou minha amiga de volta, e disse:

“Você pode entrar com eles, porque você não conseguiria entrar. Hoje a audiência será em local fechado e podemos deixar entrar somente o número exato de cadeiras que têm lá. Ninguém pode ficar sem assento.” Entramos e ficamos atrás da separação colocada pelas seguranças para isolar o caminho que o Papa faria para chegar ao local da Audiência – a “Sala Paulo VI”.

De repente todos que estavam lá, começaram a gritar o nome do Papa! Ele estava passando e foi uma grande alegria vê-lo. Já comecei a chorar.

Quando chegamos à porta da Sala Paulo VI, fomos indicados para ir a um local onde os cadeirantes ficariam com um acompanhante, ou seja, meu marido e eu. Minha amiga foi para o espaço das cadeiras e assentou-se numa delas.

Havia um telão em frente onde estávamos, então vimos a entrada dele saudando a todos, muito simpático e humilde, como sempre.

Me senti privilegiada naquele momento por estar, mais ou menos, a 7 metros do Papa Francisco.

E comecei a chorar novamente.

Ele leu o Evangelho do dia, que foi traduzido em várias línguas, porque lá havia povos de várias nações.

Após todo o “protocolo”, o comentarista disse que o Papa Francisco daria uma bênção a todos, extensivo aos familiares e uma bênção especial para os doentes.

Ele proferiu a bênção a todos, e eu chorava só de poder receber, mesmo que à distância, uma bênção extensiva aos familiares.

Estávamos em agosto e nessa época é verão na Europa.

Em Roma faz muito calor, então andava com uma garrafinha de água pelos lugares onde ia e meu marido havia colocado a garrafinha no chão em nossa frente.

Um dos seguranças pediu ao meu marido que tirasse a garrafinha do corredor e colocasse embaixo da cadeira dele.

Uma senhora (italiana) perguntou se o Papa viria dar a bênção pessoalmente. A resposta foi SIM.

Quase tive um “Treco”!

Eu não acreditava no que estava acontecendo comigo: O PAPA FRANCISCO vinha ao meu encontro para dar-me a Bênção de Deus, através de suas mãos.

Imagina minha emoção!

Se já emocionei-me por encontrar o Natã (o menino que fez o Papa chorar); agora que poderei ver de bem pertinho o sucessor de Pedro. Realmente foi um “PRESENTE DE DEUS”, porque foi tão inesperado; pois a audiência poderia ser na praça S. Pedro e eu seria mais uma fiel que apreciaria o Papa Francisco dando a “volta na praça no Papa móvel” Muitos acreditam ser coincidência, mas digo que foi “DEUSDÊNCIA”. Estávamos (meu marido e eu) em êxtase.

Após esse acontecimento maravilhoso, fomos visitar o museu do Vaticano com milhares de objetos dos antigos romanos. É tanta história, tanta informação, que acredito que qualquer pessoa que vá até o local tenha que voltar no mínimo três vezes para poder ver tudo, e olha lá.

Enfim, fomos para a estação e embarcamos para a casa da minha amiga.

O fuso horário do Brasil para a Itália são 5 horas a mais (horário de Brasília).

Quando cheguei na casa de minha amiga, corri pra passar mensagens por what's app e também no Facebook relatando sobre a maravilha que aconteceu comigo.

Estava em estado de graça.

Minha amiga, nossa tradutora e guia, entrou no site do Vaticano e pegou as fotos e o endereço da empresa fotográfica licenciada do próprio Vaticano. Foi aí que pude comprar as fotos digitais, que vieram a nós (meu marido e eu) pelo email

Minhas amigas disseram:

‘Após a bênção do Papa, todo o resto não terá graça.’

Mas não, a Itália é um “livro de história ao vivo” com suas igrejas maravilhosas feitas com mármore, pedras e mosaicos.

Tudo foi maravilhoso!

Acredito que essa bênção foi um divisor de águas em minha vida. Sinto que a presença de Deus esteve constante nesta viagem, nos livrando dos perigos.

Passeamos por vários lugares, todos lindos, mas o local que queria conhecer era a cidade de “Cascia” onde viveu e morreu Santa Rita de Cássia.

Minha comadre fez a intenção de que “um dia” eu iria com ela participar de uma missa realizada na cidade de Cássia, em agradecimento pela

recuperação de minha saúde.
Esse dia chegou; 10 anos depois.

Primeiramente paramos na cidade de Roccaporena, onde nasceu Rita. Conhecemos sua Casa Natal que tornou-se um museu com vários objetos pertencentes à época (cerca de 1.369 a 1.386)
Após chegamos a Cáscia onde Rita viveu, entrou para um Mosteiro e lá morreu em 22 de maio de 1.457
É emocionante entrar no local onde era o Mosteiro de Rita e ver o seu corpo intacto.

Na volta, passamos na cidade de Norcia para comprar salame artesanal. Comentei com meu marido as dificuldades em viver naquele local, cheio de montanhas, a estrada cercada de enormes morros de pedra e “casas penduradas” neles.

Era dia 23/08. Chegamos em Lucca cerca de 22/23h.
Quando amanheceu o dia 24, veio a triste notícia:
Um forte terremoto atingiu o centro da Itália, mais especificamente as cidades de Amatrice, Accumoli e NORCIA.

Foi “um livramento”, porque o tremor poderia ser mais cedo, enquanto passávamos por lá.
Agradecemos a Deus por ter nos livrado.
Pudemos acompanhar pelos jornais locais a destruição das cidades e a quantidade de abalos que houveram nos dias seguintes.

Enfim, acredito que Deus esteve presente e agiu com seu poder em tudo o que nos aconteceu.
A cada dia mais eu serei uma “missionária”, pregando em todo lugar, dando testemunho vivo de que O MEU DEUS É O DEUS DO IMPOSSÍVEL!

Acredito que se não tivesse adoecido não seria necessário o uso da cadeira de rodas e não teria tido essa maravilhosa oportunidade.
Quando nos acontece algo que jugamos ser um “Mal” para nossa vida perguntamos “PORQUE” isso aconteceu conosco.
Quando, na verdade, temos que questionar sim, mas a pergunta será “PARA QUÊ?” “QUAL A FINALIDADE?”...



